

ELEMENTOS DA COMUNICAÇÃO E FUNÇÕES DA LINGUAGEM: exercícios

1) Relacione as colunas:

- a) Mensagem
- b) Código
- c) Canal
- d) Contexto
- e) Emissor
- f) Receptor

- () quem elabora a mensagem, quem diz.
- () é o meio físico por onde circula a mensagem entre o emissor e o receptor.
- () é o conjunto de enunciados produzidos pela seleção e combinação de signos.
- () a quem a mensagem é dirigida, por quem ela é captada.
- () é a situação ou assunto a que a mensagem faz referência.
- () é o sistema utilizado pelos falantes no ato da comunicação.

2) Relacione os textos com a função da linguagem predominante:

- () Função fática
- () Função poética
- () Função referencial
- () Função emotiva
- () Função metalinguística
- () Função conativa

a) O vento varria as folhas,
O vento varria os frutos,
O vento varria as flores...
(Manuel Bandeira)

b) - Alô!
- Bom dia!
- Bom dia!
- Quero falar com o João, por favor!

c) Eu fico pensando em nós dois
Cada um na sua
Perdidos na cidade nua
Empapuçados de amor
Numa noite de verão
Ai! Que coisa boa
À meia-luz, a sós, à toa
(LEE, Rita. *Caso Sério*)

d) Não deixe para depois. Compre já seu carro novo!

e) “A maior parte dos ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) rejeita a volta de doações empresariais para campanhas eleitorais de 2018. A proposta já estava em discussão no Congresso Nacional mesmo antes da polêmica da criação de um fundo público bilionário para bancar os candidatos. Mas, dos 11 integrantes da Corte, pelo menos seis são contrários ao financiamento feito por pessoas jurídicas. Em 2015, o Tribunal julgou inconstitucional esse modelo de doação e hoje manteria o entendimento, caso fosse provocado.”
(Revista Veja. Acesso em: 25/08/2017)

f) O sujeito das orações da língua portuguesa pode ser classificado em simples ou composto.

3) Uma pessoa é convidada a dar uma palestra em Espanhol. A pessoa não aceita o convite, pois não sabia falar com fluência a língua Espanhola. Se esta pessoa tivesse aceitado fazer esta palestra seria um fracasso porque:

- a) não dominava os signos
- b) não dominava o código
- c) não conhecia o referente
- d) não conhecia o receptor
- e) não conhecia a mensagem

4) O pai conversa com a filha ao telefone e diz que vai chegar atrasado para o jantar. Nesta situação, podemos dizer que o canal é:

- a) o pai
- b) a filha
- c) fios de telefone
- d) o código
- e) a fala

5) Um guarda de trânsito percebe que o motorista de um carro está em alta velocidade. Faz um gesto pedindo para ele parar. Neste trecho, o gesto que o guarda faz para o motorista parar é:

- a) o código que ele utiliza
- b) o canal que ele utiliza
- c) quem recebe a mensagem
- d) quem envia a mensagem
- e) o assunto da mensagem

6) (UEMG-2006) Assinale a alternativa em que o(s) termo(s) em negrito do fragmento citado NÃO contém (êm) traço(s) da função emotiva da linguagem.

- a) Os poemas (**infelizmente!**) não estão nos rótulos de embalagens nem junto aos frascos de remédio.
- b) A leitura ganha contornos de “**cobaia de laboratório**” quando sai de sua significação e cai no ambiente artificial e na situação inventada.
- c) Outras leituras significativas são o **rótulo** de um produto que se vai comprar, os preços do bem de consumo, o tíquete do cinema, as placas do ponto de ônibus (...)
- d) Ler e escrever são condutas da vida em sociedade. Não são **ratinhos mortos** (...) **prontinhos** para ser desmontados e montados, **picadinhos** (...)

A Questão é Começar

Coçar e comer é só começar. Conversar e escrever também. Na fala, antes de iniciar, mesmo numa livre conversação, é necessário quebrar o gelo. Em nossa civilização apressada, o “bom dia”, o “boa tarde, como vai?” já não funcionam para engatar conversa. Qualquer assunto servindo, fala-se do tempo ou de futebol. No escrever também poderia ser assim, e deveria haver para a escrita algo como conversa vadia, com que se divaga até encontrar assunto para um discurso encadeado. Mas, à diferença da conversa falada,

nos ensinaram a escrever e na lamentável forma mecânica que supunha texto prévio, mensagem já elaborada. Escrevia-se o que antes se pensara. Agora entendo o contrário: escrever para pensar, uma outra forma de conversar.

Assim fomos “alfabetizados”, em obediência a certos rituais. Fomos induzidos a, desde o início, escrever bonito e certo. Era preciso ter um começo, um desenvolvimento e um fim predeterminados. Isso estragava, porque bitolava, o começo e todo o resto. Tentaremos agora (quem? eu e você, leitor) conversando entender como necessitamos nos reeducar para fazer do escrever um ato inaugural; não apenas transcrição do que tínhamos em mente, do que já foi pensado ou dito, mas inauguração do próprio pensar. “Pare aí”, me diz você. “O escrevente escreve antes, o leitor lê depois.” “Não!”, lhe respondo, “Não consigo escrever sem pensar em você por perto, espiando o que escrevo. Não me deixe falando sozinho.”

Pois é; escrever é isso aí: iniciar uma conversa com interlocutores invisíveis, imprevisíveis, virtuais apenas, sequer imaginados de carne e ossos, mas sempre ativamente presentes. Depois é espichar conversas e novos interlocutores surgem, entram na roda, puxam assuntos. Termina-se sabe Deus onde.

(MARQUES, M.O. Escrever é Preciso, Ijuí, Ed. UNIJUÍ, 1997, p. 13).

7) (PUC/SP-2001) Observe a seguinte afirmação feita pelo autor: “Em nossa civilização apressada, o “bom dia”, o “boa tarde” já não funcionam para engatar conversa. Qualquer assunto servindo, fala-se do tempo ou de futebol.” Ela faz referência à função da linguagem cuja meta é “quebrar o gelo”. Indique a alternativa que explicita essa função.

- a) Função emotiva
- b) Função referencial
- c) Função fática
- d) Função conativa
- e) Função poética

Me devolva o Neruda (que você nem leu)

Quando o Chico Buarque escreveu o verso acima, ainda não tinha o “que você nem leu”. A palavra Neruda - prêmio Nobel, chileno, de esquerda - era proibida no Brasil. Na sala da Censura Federal o nosso poeta negociou a proibição. E a música foi liberada quando ele acrescentou o “que você nem leu”, pois ficava parecendo que ninguém dava bola para o Neruda no Brasil. Como eram burros os censores da ditadura militar! E coloca burro nisso!!! Mas a frase me veio à cabeça agora, porque eu gosto demais dela. Imagine a cena. No meio de uma separação, um dos cônjuges (me desculpe a palavra) me solta esta: me devolva o Neruda que você nem leu! Pense nisso.

Pois eu pensei exatamente nisso quando comecei a escrever esta crônica, que não tem nada a ver com o Chico, nem com o Neruda e, muito menos, com os militares.

É que eu estou aqui para dizer um tchau. Um tchau breve porque, se me aceitarem - você e o diretor da revista -, eu volto daqui a dois anos. Vou até ali escrever uma novela na Globo (o patrão vai continuar o mesmo) e depois eu volto.

Esperando que você já tenha lido o Neruda.

Mas aí você vai dizer assim: pô, escrever duas crônicas por mês, fora a novela, o cara não consegue? O que é uma crônica? Uma página e meia. Portanto, três páginas por mês e o cara me vem com esse papo de Neruda?

Preguiçoso, no mínimo.

Quando faço umas palestras por aí, sempre me perguntam o que é necessário para se tornar um escritor. E eu sempre respondo: talento e sorte. Entre os 10 e 20 anos, recebia na minha casa O Cruzeiro, Manchete e o jornal Última Hora. E lá dentro eu lia (me invejem): Paulo Mendes Campos, Rubem Braga, Fernando Sabino, Millôr Fernandes, Nelson Rodrigues, Stanislaw Ponte Preta, Carlos Heitor Cony. E pensava, adolescentemente: quando eu crescer, vou ser cronista.

Bem ou mal, consegui meu espaço. E agora, ao pedir de volta o livro chileno, fico pensando em como eu me sentiria se, um dia, um desses aí acima escrevesse que iria dar um tempo. Eu matava o cara! Isso não se faz com o leitor (desculpe, minha amiga, não estou me colocando no mesmo nível deles, não!) E deixo aqui uns versinhos do Neruda para as minhas leitoras de 30 e 40 anos (e para todas):

*Escuchas otras voces en mi voz dolorida
Llanto de viejas bocas, sangre de viejas súplicas,
Amame, compañera. No me abandones. Sigüeme,
Sigüeme, compañera, en esa ola de angústia.
Pero se van tiñendo con tu amor mis palabras
Todo lo ocupas tú, todo lo ocupas
Voy haciendo de todas un collar infinito
Para tus blancas manos, suaves como las uvas.*

Desculpe o mau jeito: tchau!

(Prata, Mario. Revista Época. São Paulo. Editora Globo, Nº - 324, 02 de agosto de 2004, p. 99)

8) Relacione os fragmentos abaixo às funções da linguagem predominantes e assinale a alternativa correta.

I - “Imagine a cena”.

II - “Sou um homem de sorte”.

III - “O que é uma crônica? Uma página e meia. Portanto, três páginas por mês e o cara me vem com esse papo de Neruda?”.

- a) Emotiva, poética e metalinguística, respectivamente.
- b) Fática, emotiva e metalinguística, respectivamente.
- c) Metalinguística, fática e apelativa, respectivamente.
- d) Apelativa, emotiva e metalinguística, respectivamente.
- e) Poética, fática e apelativa, respectivamente.